

# REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA  
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho  
Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.  
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso ..... 2\$00  
Assinatura anual ..... 20\$00

ANO XXII

JUNHO DE 1961

N.º 177

## OFERTA ESPECIAL PARA AS MISSÕES

OFERTA DO VERÃO — 8 de Julho de 1961

Pensemos, hoje, irmãos e irmãs, naqueles missionários que todos nós conhecemos que estão, neste momento, ao serviço do Salvador, lá muito longe, em terras estranhas, muito longe dos parentes e amigos, muito longe dos confortos da vida e da sua terra natal.

Muitos desses missionários encontram-se no meio de enormes perigos e expostos a grandes calamidades. Pensemos, igualmente, em tantas estações missionárias que se encontram isoladas, onde a família do missionário vive sozinha, cercada de tribus primitivas de povos indigentes, exposta às mais variadas doenças no meio de extremo calor, e mesmo assim trabalhando árduamente, mas fielmente.

Temos sobeja razão para nos sentirmos satisfeitos e felizes por termos tantos e tão valorosos missionários.

«Ide, portanto, e ensinaí todas as nações...» É esta a grande comissão que o Senhor Jesus deu ao encerrar o seu ministério, aqui, na Terra.

A urgência da tarefa é hoje, muito maior, do que era nos tempos em que Jesus a anunciou. E bem sabemos que a ordem não se destinou, apenas àqueles que tiveram o singular privilégio de a ouvir dos lábios do Salvador, mas soa, agora, como uma verdadeira ordem de marcha, para todos aqueles que se ufanam de serem seus seguidores, como tem acontecido, através dos tempos.

Nesse número estamos todos nós, tu e eu! Somos, verdadeiramente, os arautos do Reino de Deus.

A comissão de «ensinar todas as nações» não significa, de certo, que todos tenhamos de sair da nossa terra, para partirmos para outras regiões; mas significa, evidentemente, que cada um de nós deve contribuir, segundo a nossa capacidade e as nossas condições.

Assim, embora não possamos ir para terras longínquas, todos nós temos a possibilidade de auxiliar a grande obra das missões, mediante as nossas ofertas e também as nossas orações.

É através deste nosso contributo que apoiamos o importante trabalho dos nossos leais e dedicados obreiros, em terras estranhas.

Já a antiga igreja de Deus fora bastas vezes advertida de que não fosse à Casa do Senhor com as mãos vazias.

Bem sabemos que o Senhor é omnipotente e que é capaz de suprir todas as necessidades da sua Obra, sem o nosso concurso; mas também sabemos que na sua infinita sabedoria entendeu que tal processo não seria uma determinação judiciosa, para a manutenção da sua Igreja.

Por isso, o Senhor escolheu o processo racional para tal manutenção.

Foi assim que instituiu o sistema dos dízimos e das ofertas.

Dos nossos ganhos, Deus reclama como parte Sua uma porção determinada, deixando, porém, ao

nossos arbítrio o contributo das nossas ofertas.

Há, apenas, uma condição referente às ofertas, e que as torna agradáveis aos olhos do Senhor; encontra-se registada na II Epístola aos Coríntios 9:7, onde se lê: «Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade: porque Deus ama ao que dá com alegria».

A questão que se nos apresenta é, pois, a seguinte: «Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?»

Que o Espírito Santo toque os nossos corações, para que tornemos a dedicar as nossas vidas e posses a Deus.

Sabemos que dentro em breve será demasiado tarde para dispor-mos dos nossos bens para auxiliar o acabamento da Obra de Deus,

A liberdade, de que hoje ainda gozamos, ser-nos-á tirada.

Aproveitemos, pois, sem demora, o momento presente, para darmos, generosamente — como até agora nunca fizemos — na Oferta de Verão, do próximo dia 8 de Julho.

Agradecidos pela vossa generosa resposta.

Que Deus vos abençoe, abundantemente, na medida em que contribuirdes para apoiar, manter e desenvolver o nosso trabalho missionário, na África.

B. J. Kohler

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

## Página da Família

# SEJAMOS PUROS

Quantas vezes não teremos nós exclamado, ao ler num jornal a notícia de qualquer secção particularmente negra: «Como é possível cometer um acto tão abominável? Eu nunca seria capaz de fazer tal coisa!».

Não sejamos tão confiantes em nós mesmos; há situações, nas quais nunca até então nos encontrámos. Não há nada mais fácil do que enganarmo-nos sobre as nossas possibilidades. Os actos mais odiosos da história foram cometidos por homens e mulheres que, de certo, estavam convencidos, em determinada época da sua vida, de que seriam incapazes de os realizar.

Diz-se que Nero, o cruel perseguidor dos cristãos, assinou, de muita má vontade, a primeira sentença de morte, exclamando com horror: «Ó, como eu desejaria nunca ter aprendido a escrever». E Napoleão redigiu, quando ainda estudava no colégio de Lyon, um exercício sobre «Os perigos da ambição». — Esse Napoleão, cuja ambição desmedida o levou tão longe!

Se alguém tivesse predito ao jovem rei David que os últimos anos do seu reinado seriam manchados com o adultério e o crime, como ele teria protestado! Da mesma maneira se Salomão tivesse podido prever o pendor no qual ia escorregar, teria gritado, na inocência dos seus anos juvenis: «Como é que as minhas paixões puderam dominar-me assim?».

A ciência do coração não se parece com as outras ciências. Podemos possuir elevados conhecimentos intelectuais, mas sermos, ao mesmo tempo, duros, egoístas e até depravados. Podemos ter sido criados numa atmosfera requintada, e, contudo, comprazermos-nos em pensamentos que nos conduzem às acções mais vis.

O profeta Jeremias escrevia com razão: «Enganoso é o coração, mais

do que todas as coisas e perverso: quem o conhecerá?» (Jeremias 17:9.).

Felizmente, Deus procura constantemente, que nos revelemos a nós mesmos. Diz Ele: «Eu o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os rins; e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos». (Jeremias 17:10).

Deixa-nos, por vezes ir até ao fim dos nossos recursos, como o filho pródigo, para que, finalmente, regressemos a nós mesmos.

Quando David se deu conta do que tinha feito, teve horror do seu pecado e suplicou: «Purifica-me com hissope, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alivo do que a neve». (Salmos 51:7).

Mas, porque na sua vida ficava uma indelével mancha, Deus recusou-lhe a honra de construir o templo. Disse alguém que os pecados se fazem dois a dois e que se pagam um a um.

Infelizmente, temos de reconhecer que os que mergulham numa vida de prazer têm muitíssimas dificuldades em voltar atrás, para seguirem uma vida útil, decente e digna. Se um dia despertam e se vêem, tal como são, estão esperando atordoar-se e cobertos de vergonha, ainda caem mais baixo.

Como é judiciosa a recomendação do apóstolo Paulo ao jovem Timóteo: «Conserva-te puro» (I Tim. 5:22).

O crime é a imoralidade juvenis são um objecto de angústia para os dirigentes de todos os países. Os jovens libertam-se, cada vez mais, das restrições morais; mais de 300 000 mães-solteiras, só na América, testemunham acerca de tão triste situação. Perante tais acontecimentos, será ainda necessário recomendar aos nossos jovens adventistas que se mantenham puros, nos seus pensamentos e nos

seus actos e que mantenham bem alto o seu ideal?

A pureza não é uma virtude passiva. Eis algumas declarações da pena inspirada da Irmã White: «Nãõ recebemos, quando nascemos, um carácter nobre e equilibrado, ou de uma maneira acidental. Adquire-se mediante os esforços individuais, pelos merecimentos da graça de Jesus. Deus dá-nos as faculdades, os talentos; mas nós devemos formar o carácter. Chegaremos a formá-lo à custa de lutas duras e severas com o nosso eu. Temos de nos examinar com o máximo cuidado e não condescender com nenhum traço de carácter que seja defeituoso». — *Parábolas*, pág. 337.

Quem uma vez tiver alcançado vitória num tal conflito, nunca se poderá esquecer da alegria e da força que recebeu. É semelhante àquele que, tendo sido encarregado de uma missão perigosa, regressa dizendo: «realizei a minha missão».

### A honra de um nome

Uma jovem, estudante numa grande escola que aliava muito encanto pessoal a felizes disposições de carácter, era extremamente popular entre os colegas do sexo masculino. Muitos deles, conhecidos por terem poucos princípios, procuravam que ela os acompanhasse, mas sempre debalde. Um dia, porém, aceitou o convite de um deles para darem um passeio de automóvel. Apenas subiu para o carro, verificou, alarmada, que o colega estava embriagado. Pediu-lhe que guiasse de vagar, mas ele, evidentemente, para se exhibir, cada vez acelerava mais. Numa curva apertada, o carro despiستou-se e voltou-se; o jovem morreu e ela ficou muito ferida. Uma

## PÁGINA EDITORIAL

## Prezados Irmãos:

## A Assembleia da União Portuguesa

Temos muitas graças que dar a Deus pelo privilégio que nos concedeu de termos participado nas nossas Assembleias que tiveram lugar no início do corrente mês.

Foram reuniões singularmente abençoadas, nas quais sentimos todos bem visivelmente a presença do nosso bom Pai celestial.

Tivemos o privilégio de ter entre nós os nossos prezados Irmãos Pastores Fridlin, Steiner e Kohler.

Todos os nossos irmãos e irmãs que vieram como delegados sentiram-se como se estivessem nas suas próprias igrejas, porquanto reinou sempre o melhor e mais compreensivo espírito de caridade, delicadeza e simpatia cristãs.

A todos exprimimos os nossos melhores votos de que tenham conservado as mais salutares lembranças destas nossas Assembleias.

## Campanha das Missões

Graças a Deus que de todas as partes temos recebido as melhores informações acerca do bom êxito da Campanha.

Efectuada em circunstâncias tão difíceis, bem podemos ver, mais uma vez, a bondosa e querida mão de Deus a encaminhar os passos dos nossos devotados irmãos e irmãs que tão entusiasticamente a realizaram.

## Férias...

Começam as férias a surgir num esboço de grandes esperanças e entusiasmos. Não nos esqueçamos de que na vida espiritual não há férias...

São elas necessárias na vida material, mesmo na vida intelectual, onde são tradicional e classicamente imprescindíveis.

Mas, prezados Irmãos e Irmãs, na vida da alma, não pode haver férias. Parar, na vida da alma, é estiolar-se e morrer.

Por isso, não nos esqueçamos de adquirir o novo Trimensário. Não nos esqueçamos de estudar, diariamente, a lição da Escola Sabatina, assim como de lermos a Bíblia. E para que não seja pesado o nosso contributo regular das nossas ofertas voluntárias, será bom, colocar de parte, todas as semanas, depois de havermos feito a nossa Escola Sabatina, aquilo com com que nos propomos contribuir.

Aproveitamos o ensejo para cumprimentar o nosso prezado Irmão, Pastor A. Rodrigues e sua Esposa que se encontram entre nós em bem merecido gozo de férias, que lhes desejamos muito abençoadas para a alma e para o corpo.

A. Casaca

vez curada, a jovem Carol — assim se chamava, jurou nunca mais sair na companhia de tais jovens.

Descobriu um dia, num livro que o seu nome significava «um canto de Deus». Isto entusiasmou-a, e resolveu honrar, a partir daquele dia, o seu belo nome. Tornou-se, efectiva tentada, dizia: «Senhor, ajuda-me a honrar o meu nome».

A Juventude Adventista também deve honrar o seu nome; haverá, porventura, um outro nome mais belo que o de cristão? Os verdadeiros cristãos reconhecem-se, não só pelo seu comportamento, mas também por uma certa influência que espalham à sua volta. Os pensamentos impuros, os maus dese-

jos, os planos tortuosos não se transformam em actos, mas se não lutarmos com todo o nosso poder contra eles, acabarão por deixar um sinal indelével no nosso rosto e no nosso comportamento.

Não acariciemos a esperança de nos podermos subtrair aos olhos de Deus: «E não há criatura alguma encoberta diante d'Ele, antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos d'Aquele com quem temos de tratar». (Hebreus 4:13).

É impossível pensarmos que poderemos enganar a Deus, mesmo que usemos na lapela o distintivo dos MV, mesmo que frequentemos assiduamente a igreja e com a Bíblia debaixo do braço, mesmo que

demos muitas esmolas e façamos coisas muito boas. Alimentamos nós, no nosso coração, desejos maus? Não impressionaremos o céu com a nossa piedade...

Mas aos jovens que lutam nobremente para se manterem puros, consequentes consigo mesmos, eis a maravilhosa promessa que lhes é feita: «Porque, quanto ao Senhor, os meus olhos passem por toda a terra, para fortalecer aqueles, cujo coração é perfeito para com Ele». (2 Crônicas 16:9).

Fortes com a força que uma tal promessa nos garante, juntemo-nos a José, a Rut e a Maria Madalena — esse tição retirado do fogo — para lutarmos e vencermos.

# A Assembleia Geral da União Portuguesa

*Não havendo sábia direcção, o povo cai; mas na multidão de conselheiros, há segurança. — Provérbios 11:14.*

As denominadas Assembleias, em qualquer domínio da actividade humana, quer religiosa quer secular, tem raízes bem sólidas tanto na própria natureza humana, quer nos ensinamentos da História.

Tratando-se, porém, das Assembleias da Igreja, além das raízes mencionadas, há que incluir, também, a Palavra autorizada da Sagrada escritura e as recomendações do Espírito de Profecia.

A mente humana, embora tenha sido capaz de descobrir e libertar a energia atômica, mostra-se mais débil, muito mais enfraquecida no campo da espiritualidade e da moral. Tanto quanto se revela fulgurante nos domínios das Ciências Experimentais, tanto parece hesitante e, por vezes, obscura, nos domínios da moralidade, na esfera do sobrenatural. Precisa, portanto, não só do conselho de outras mentes, como também, da luz infalível da Sagrada Escritura. Por isso lemos na Palavra de Deus: «...na multidão de conselheiros, há segurança». (Provérbios 11:14). É nessa multidão de conselhos que a inteligência pode encontrar, por vezes, o caminho a seguir pois mediante a oração já deve ter suplicado a Deus que lhe faça ver o que convém que se realize.

A primeira Assembleia Geral da Igreja, efectuou-se, em Jerusalém, no tempo dos apóstolos. Está registada no capítulo 15 dos Actos, em cuja leitura encontramos a descrição desse primeiro verdadeiro Concílio Ecuménico, convocado pelos apóstolos para trata-

rem de assuntos de importância vital para a Igreja.

Outros Concílios se seguiram, através dos séculos, tanto gerais ou ecuménicos, como particulares, que podiam ser nacionais ou provinciais, consoante a extensão dos seus membros e aplicação, portanto, das suas decisões.

Estas Assembleias foram sempre reconhecidas, em todos os tempos, como uma conveniência, quando não uma necessidade para a vida da Igreja.

Bem sabemos que o Espírito Santo nunca deixou de orientar a Igreja fundada por Jesus; mas também a Palavra de Deus nos ensina que «há vitória na multidão dos conselheiros» (Provérbios 24:6), assim como: «na multidão de conselheiros há segurança». (Provérbios 11:14).

Depois da Assembleia Geral de Jerusalém, seguiram-se outras, em várias outras partes do Império Romano, nos séculos seguintes.

Recordemos, por exemplo, no século quarto, o famoso Concílio de Niceia, em que se definiu a Divindade de Jesus contra os Arianos. Aqui, na nossa Península Ibérica, os Visigodos, ainda antes de se converterem ao catolicismo, já celebravam os seus concílios, que eram grandes assembleias de carácter político destinadas a tratar dos assuntos de ordem política, administrativa e social. Após a conversão do rei Recaredo, os bispos passaram a tomar parte nos concílios e, com a sua preponderância, tais assem-

bleias passaram a ser político-religiosas. Ficaram célebres os famosos Concílios de Toledo. Foi destes concílios que se originaram mais tarde, as nossas Cortes, que deles herdaram as suas vastas e importantes funções religiosas e políticas em matéria legislativa.

A celebração das Assembleias está, pois, bem fundada na Sagrada Escritura desde as recomendações concernentes aos conselheiros como ao exemplo dos apóstolos.

O mesmo encontramos no espírito de Profecia.

«As reuniões gerais são um dos agentes mais importantes na nossa obra de despertar a atenção do povo» (Testemunhos, vol. 6, pág. 31).

«Temo-nos achado perplexos na nossa obra, por não sabermos como romper as barreiras do mundanismo e dos preconceitos, apresentando ao povo a preciosa verdade que encerra um tão grande significado. O Senhor tem-nos indicado que as Assembleias são um dos mais importantes instrumentos para a realização dessa obra». (Testemunhos, vol. 6, págs. 31, 32).

Recordemos uma intervenção directa da Irmã White, numa Assembleia Geral. «No princípio de 1893, foi enviada pela Irmã White uma carta contendo um testemunho de reprovação a um dos nossos principais obreiros, o qual tinha adoptado uma falsa atitude a respeito das luzes dadas à Igreja, por altura da Assembleia de Minneapolis, em 1888. Nessa mensagem, era dirigido um veemente

apelo àquele irmão para que confessasse a sua conduta. Mais de quatro anos se tinham passado sobre a Assembleia de Minneápolis. Quando escreveu a sua carta, a Irmã White encontrava-se a dezenas de milhares de quilómetros do destinatário.» (*Delivering the Messages*).

A intervenção da Irmã White foi oportuna e salvadora.

«Qual é o objectivo das nossas Assembleias? Informar a Deus, instruí-lo, dizendo-Lhe tudo o que sabemos, em oração? Reunimo-nos para nos edificarmos mú-

tuamente, mediante uma permuta de ideias e de sentimentos, para adquirir forças, luz e coragem, através do mútuo conhecimento de esperanças e de aspirações; e pelas nossas orações feitas com fé, somos refrigerados e fortalecidos na Fonte das nossas forças.» (Testemunhos, vol. 2, pág. 578).

«As nossas Assembleias têm outro objectivo... Destinam-se a promover a vida espiritual entre o nosso próprio povo... Deus confiou nas nossas mãos uma obra por demais sagrada, e necessitamos de nos ajuntar, em Assembleia,

para receber instruções, a fim de nos habilitarmos a realizar essa obra. Precisamos de compreender que parte seremos chamados individualmente a desempenhar na edificação da Obra de Deus na terra, em defender a sua Santa Lei, e em exaltar o Salvador, como 'O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo' (S. João 1:29). Precisamos de nos reunir e receber o toque divino a fim de compreendermos qual deva ser a nossa obra.» (Testemunhos, vol. 6, págs. 32, 33).

E foi assim que baseados nos ensinamentos da Sagrada Escritura, nas recomendações do Espírito de Profecia, no exemplo dos apóstolos, nas lições da História e na própria natureza humana, a Igreja do Advento estabeleceu a prática das Assembleias, tanto Gerais, como locais.

De acordo com os Estatutos da nossa União, celebraram-se as nossas Assembleias, de 1 a 4 de Junho corrente.

Tivemos a presença amiga e preciosa dos nossos prezados Irmãos Pastores Fridlin, Steiner e Kohler, respectivamente, Director, Secretário da Educação e Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia.

As bênçãos que o Senhor nos concedeu, assim como o relato das sessões, reuniões e resoluções só poderão ser publicados no próximo número da nossa Revista Adventista.

Reiteramos as nossas melhores saudações a todos os nossos prezados Irmãos que assistiram à Assembleia com os votos de que, firmes nas nossas promessas e confirmados pela graça do Salvador todos possamos redobrar os esforços para apressarmos a Vinda Gloriosa do Senhor Jesus.

A. Casaca

## Os nossos relatórios anuais

Uma vez mais, os nossos fiéis e dedicados colaboradores dos relatórios, prepararam os relatórios anuais das nossas várias actividades da Divisão.

Estes relatórios são-nos de grande valor. Contam-nos o resultado das nossas actividades, embora ainda haja muitas coisas que os números são incapazes de traduzir. Assim, por exemplo, não são capazes de mostrar os sacrifícios, o trabalho denodado, as lágrimas, as alegrias e tantas orações daqueles que se esforçaram na Obra de Deus, tanto na terra pátria como lá fora.

Mas, não há dúvida, de que os relatórios mostram, e com muita clareza, como a Igreja se dedicou, leal e animosamente, ao trabalho da difusão da Mensagem.

Temos razões de sobra para agradecer a Deus tudo quanto foi possível realizar, assim como pelo esplêndido progresso efectuado em 1960.

Tanto os dizimos como as ofertas enviadas para o Tesouro do Senhor atingiram as mais elevadas cifras da nossa Divisão Sul-Europeia. Como este dinheiro é empregado para ultimar a obra de Deus, estou certo de que muitas almas não-de ser ganhas para Jesus.

Sentimo-nos muito satisfeitos vendo um tão grande aumento de

membros, durante o ano passado. No fim de 1959, o total de membros da Divisão Sul-Europeia era de 103 665, ao passo que no fim de 1960, registou-se, pela graça de Deus, um total de 108 138, o que representa um aumento de 4473 preciosas almas.

Como se sabe, não podemos receber nenhum relatório de numerosos campos; confiamos, porém, que também ali os nossos valerosos irmãos estejam fazendo brilhar, largamente, a luz da Mensagem, assim como não duvidamos de que o total de membros teria aumentado, grandemente, se pudéssemos ter incluído os relatórios daqueles campos.

A todos os nossos irmãos, irmãos e obreiros-leigos exprimimos o nosso cordial apreço pelo seu sacrifício e pelos esplêndidos serviços que têm prestado à Causa de Deus.

Com um exército de obreiros consagrados, assim como de membros de igreja tão leais e generosos, podemos olhar para o futuro, com confiança.

Que o Senhor abençoe, abundantemente, cada um dos seus servos, e que o ano corrente nos traga uma grande colheita de preciosas almas.

B. J. Kohler

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

ESTE NÚMERO  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

# EXISTE OU NÃO O DESTINO?

PELO

PASTOR G. CUPERTINO

Existe ou não o destino? Talvez se possa responder: sim e não. Tudo depende do significado que se dá à palavra destino. Convém, portanto, explicar devidamente o caso.

Em todos os tempos, e em todas as terras, os homens têm batido a muitas portas para saberem qual-quer coisa acerca do destino. Até no nosso tempo, tão desenvolvido e com tanto progresso, multidões enormes procuram, ansiosamente, uma resposta relativa ao futuro; basta dizer que só em Paris há seis mil adivinhos que ganham grandes somas de dinheiro e que dizem ter entre os seus clientes, políticos, artistas e celebridades de todos os calibres. Infelizmente, contam-se aos milhões os que crêem na existência de uma fatalidade cega, tão impossível de deter no seu curso, como incompreensível nos seus designos. Astrologia, horóscopos, superstições, tudo isto parece concorrer para criar uma psicose do inelutável. Pensa-se que o homem nasce para se sujeitar ao destino e que nada fica da sua responsabilidade humana.

Contudo, a esta abdicação do homem perante o chamado destino opõem-se, se bem pensarmos, as mais simples, as mais elementares verdades, tão esquecidas, para não falar do natural bom senso.

Efectivamente, como se poderá admitir um destino mais forte do que nós e ao qual seja vão opor-se, e admitir, ao mesmo tempo o conceito de liberdade radicado na consciência de cada qual? As duas posições excluem-se. Ou se admite um destino mais forte do que nós e então não há liberdade, ou existe a liberdade e então não há destino. A antítese parece irredutível.

Mas não é assim. De facto, pensando bem, existe um ponto

de encontro, há um plano, onde a síntese, que parecia impossível, se pode realizar.

O problema revela-se menos complicado do que é na realidade, com a condição de se pôr em evidência certas verdades esquecidas. Basta observar a vida, como ela é, para vermos casos, em que a liberdade do homem e a sua responsabilidade coexistem perfeitamente, e nos quais, longe de invocar o destino, o homem sabe perfeitamente que é o único responsável pelos seus actos.

Assim, por exemplo, quando um viajante chega a uma estação e se encontra diante de vários comboios que vão partir; sabemos que é livre de escolher o que quiser; mas uma vez escolhido o comboio, é evidente que seguirá aquele rumo. A relação entre *causa* e *efeito* é inevitável. Esta mesma relação encontra-se em todos os caminhos da vida. «O que cada um terá semeado, isso mesmo colherá...» já advertia o Apóstolo das gentes. Sou livre, sim, para semear o grão ou a sizânia; mas feita a sementeira não posso deixar de recolher o fruto da minha obra.

É aqui, nesta concomitância entre causas primeiras e últimas que reside todo o nó da questão. É aqui que os conceitos de liberdade e de destino se entrelaçam segundo leis imutáveis às quais preside, quem está acima de tudo. São realidades tão antigas como o mundo. Podem-se ignorar, mas não se podem evitar as consequências de tal esquecimento.

Todos os dias, encontra-se o homem diante de situações nas quais, liberdade e responsabilidade estão indissolúvelmente ligadas. Para se resolverem os casos que todos os dias se nos deparam, é

evidente que não vamos recorrer nem aos horóscopos nem à astrologia.

Todos sabemos, por exemplo, que quando num restaurante o criado nos apresenta a lista dos pratos, somos perfeitamente livres para escolhermos o que quisermos; mas feita a escolha e executada, temos de aceitar, inteiramente, as consequências, devendo pagar a conta que for apresentada.

Da mesma maneira, passando, agora dos factos banais diários para realidades mais sublimes, ouçamos o Eterno a dizer ao homem através de Moisés: «Eu... coloquei diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição, *escolhe portanto a vida* para que tu e a tua descendência tenhais a vida...» E noutro passo, cinco séculos mais tarde, é ainda o Eterno que nos adverte através de Salomão: «Goza ó jovem, na tua adolescência, e alegre-se o teu coração... mas sabe que por tudo isto serás chamado por Deus a juízo».

Por estes passos vê-se claramente como se afirma a existência tanto da liberdade como da responsabilidade.

É claro que é mais fácil ir consultar a bruxa do que olhar de frente para os deveres, por vezes pesados, da vida. E não se diga que o destino faz nascer um num palácio e outro numa cabana... Quantos que nasceram para reinar, não foram acabar na sombra, ao passo que outros nascidos na miséria, souberam lutar e vencer deixando-nos o exemplo de virtude e de coragem viril.

É certo que o homem pode nascer nas mais diversas circunstâncias, mas a análise dos factos revelará que é sempre ele próprio o factor mais determinante do seu destino. Assim como desabrocham flores num monturo, assim também em miseráveis tugúrios nascem homens de génio, cuja história todos conhecem.

Hoje, há a tendência para se fugir à responsabilidade, apelando-se para o «destino». Diz-se que a culpa é do destino, do ambiente,

# Amorosa Manifestação de Protecção Divina

(Experiência passada com dois obreiros leigos da igreja do Porto)

Os nossos irmãos da igreja de Canelas receberam, num Sábado, o pedido de enviarem alguém a uma determinada freguesia do Norte, para ali fazer uma pregação da Mensagem; indicava-se o nome da pessoa interessada, em cuja casa se faria a reunião.

Foi escalado um obreiro leigo, que, por sua vez, convidou outro para que o acompanhasse.

No dia seguinte, partiram de comboio. Não conheciam a terra, nem nenhum dos seus habitantes.

Tendo-se dirigido para a morada da pessoa interessada, esta bem depressa fez saber a um numeroso grupo de outras pessoas interessadas, que haviam chegado os pregadores.

Em breve se encheu, totalmente, a sala, ficando, inclusivamente, algumas pessoas fora da casa, por não terem lugar.

Depois de uma oração, procedeu-se a um pequeno estudo bíblico, que muito interessou os ouvintes.

Passado, porém, algum tempo, sentiu-se certa agitação e algumas vozes elevadas em tom de comando. Dois indivíduos, por sinal fortes, abriram caminho por entre a assistência e entraram dentro da sala de chapéu na cabeça.

Eram autoridades. Um deles trovejou que «parassem com isso». Os nossos obreiros, com a maior calma, responderam que não havia

«que parar» pois tratava-se da Palavra de Deus.

O que já falara, estacou no meio da sala, e sempre de chapéu na cabeça, ergueu mais a voz e bradou, de novo:

— Pare lá com isso!... Já disse...

Os obreiros replicaram com toda a doçura que se tratava da Palavra de Deus e que, de resto, estando todos, ali, em casa alheia, só o dono da casa poderia mandar suspender a exposição da Palavra de Deus.

Interpelado, assim, indirectamente, o dono da casa declarou que era seu desejo expresso que os nossos Irmãos continuassem a falar.

A autoridade deu-lhes, então, voz de prisão, por motivo de desobedecerem às suas ordens.

Os obreiros responderam que estavam às ordens da autoridade, mas só depois de haverem terminado a pregação.

As autoridades saíram, por entre a indignação dos presentes, gesticulando e vociferando.

Pouco depois, fomos avisados de que aquela autoridade requisitara, pelo telefone, a «carrinha» da Guarda Republicana para levar os nossos obreiros para a prisão.

A referida autoridade, regressou à sala, e aí se conservou a ouvir atentamente, até ao fim da pregação.

E vamos dar, agora, a palavra aos nossos irmãos Obreiros.

«À saída da reunião, aquela autoridade pediu-nos que nos identificássemos. Satisfeito o seu pedido, declarou que estávamos em liberdade mas ordenava que nunca mais voltássemos ali.

Respondemos que voltaríamos tantas vezes, quantas fôssemos convidados.

Regressámos, sãos e salvos, protegidos por Deus, pois disseram-nos — nós mesmos tivemos oportunidade de ver — que ao longo da estrada havia pessoas preparadas para nos agredir. Mas graças a Deus, nem uma só esboçou o mais pequeno gesto.

E, agora, prezados Irmãos e Leitores da REVISTA ADVENTISTA, querem saber qual foi o resultado desta intervenção da autoridade?

Voltámos, várias vezes, à mesma terra, e por vezes acompanhados pelo pastor da igreja do Porto.

Podemos anunciar com regozijo cristão que duas preciosas almas se converteram, tendo seguido para a África, onde já devem ter sido baptizadas.

Aquela mesma autoridade, depois de ter lido a literatura que lhe deixámos, teve este desabafo: «Efectivamente, se todos seguissem a Bíblia, não eram precisas autoridades no mundo».

da sociedade, de tantas outras coisas, mas nunca ninguém se queixa de si mesmo.

Se em vez de se lamentar e de correr às bruxas, o homem procurasse olhar de frente, pacatamente, para a realidade, e se quisesse ter em conta algumas poucas mas essenciais verdades, servindo-as com fé, quantos «destinos» não se mudariam, quantas vidas não tomariam outro rumo! Onde

hoje há decepção e desespero, surgiria a tranquilidade e a confiança.

A aventura humana tem incógnitas imprevisíveis, mas também é singularmente coerente, seguindo directrizes essenciais, de modo que nenhum destino poderá jamais mudar a parábola ascendente do justo. Talvez haja quem tenha de ir acabar os seus dias numa prisão, como S. Paulo no cárcere Mamertino, mas como vencedor, e também

haverá quem se sente num trono, como Nero, mas que acabe como um escravo e um vencido.

O homem tem nas suas mãos o seu destino. A sua aventura terrena não depende no seu fim último de uma fatalidade cega, mas do bom uso da sua liberdade. É esta a única filosofia da vida que tem em conta o essencial, e que concilia, repetimos, a justiça e a liberdade.

# O PLANO DA REDENÇÃO

A queda do homem encheu de tristeza todo o céu. O mundo que Deus criara estava deslustrado pela maldição do pecado e habitado por seres condenados à miséria e à morte. Não pereceria haver meio pelo qual pudessem escapar os que tinham transgredido a Lei. Os anjos cessaram os seus cânticos de louvor. Por toda a corte celestial, havia pranto, pela ruína que o pecado ocasionara.

O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, sentiu-se tocado de piedade pela raça decaída. O seu coração moveu-se por infinita compaixão, quando perante Ele se ergueram os ais do mundo perdido. Entretanto, o amor divino concebera um plano, pelo qual o homem poderia ser remido: A Lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o Universo, não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas exigências. Visto que a Lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente, um Ser igual a Deus poderia expiar a sua transgressão. Ninguém, a não ser Jesus poderia remir da maldição da lei, o homem decaído, pondo-o, novamente, de harmonia com o céu. Jesus tomará sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus santo, que separaria entre si o Pai e o Filho. Jesus desceria às profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada.

O plano, pelo qual, unicamente, poderia conseguir-se a salvação do homem, abrangia o céu todo em seu infinito sacrifício. Os anjos não puderam regozijar-se, quando Jesus lhes desvendou o plano da redenção; viram, efectivamente, que a salvação do homem custaria a indizível mágoa do seu amado Comandante. Com pesar e admiração escutaram as suas palavras, quando lhes contou como teria de baixar da pureza e paz do céu, da sua alegria, glória e vida imortal, para entrar em contacto com

---

## IRMÃ WHITE

---

a degradação da Terra, para suportar as suas tristezas, ignomínias e morte. Jesus deveria ficar entre o pecador e a de Deus. Deixaria a sua elevada posição, como a Majestade do céu, appareceria na Terra e humilhar-se-ia como um homem e, pela sua própria experiência, familiarizar-se-ia com as tristezas e tentações que o homem teria de arrostar. Tudo isso seria necessário para que pudesse socorrer os que fossem tentados. Terminada a sua missão como ensinador, seria entregue nas mãos de homens ímpios, e submetido a todos os insultos e torturas que Satanás os pudesse inspirar e infligir. Devia morrer com a mais cruel das mortes, suspenso entre o céu e a terra, qual pecador criminoso. Teria de passar longas horas de agonia tão terrível, que os anjos não suportariam a contemplação de uma tal cena, velando, por isso, o rosto. Suportaria angústia de alma, a ocultação do rosto do Pai, enquanto a culpa da transgressão — o peso dos pecados do mundo inteiro — estariam sobre Ele.

Os anjos prostaram-se aos pés do seu Comandante, oferecendo-se como sacrificio pelo homem. Mas a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Apenas Aquele que criara o homem tinha poder para o redimir. Contudo, os anjos teriam uma parte a desempenhar no plano da redenção. Jesus havia de fazer-se «um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte». (Hebreus 2:9). Tendo Ele sobre si a natureza humana, a sua força não seria igual à deles, e por isso, deveriam ajudá-!O, fortalecê-!O nos seus sofrimentos e mitigar-Lhos. Deviam, também, ser «espíritos ministros», enviados para ministrar em favor dos que seriam herdeiros da salvação. (Hebreus 1:14).

Guardariam os súbditos da graça, do poder dos anjos maus e das trevas arremessadas constantemente em redor deles por Satanás.

Jesus assegurou aos anjos que pela sua morte resgataria a muitos, e destruiria aquele que tinha o poder da morte.

Recuperaria o reino que o homem perdera pela transgressão, e os remidos o herdariam com Ele, onde habitariam para sempre. Tanto o pecado como os pecadores seriam extintos, para nunca mais perturbarem a paz do céu ou da terra. E, assim, determinou que o exército angélico concordasse com o plano que seu Pai aceitara, e se alegria esse de que, pela sua morte, o homem decaído pudesse reconciliar-se com Deus.

Então, uma grande alegria, alegria inexprimível, encheu o céu. A glória e a bem-aventurança de um mundo remido sobrepujaram mesmo a angústia e o sacrificio do Príncipe da vida. Pelos paços celestiais ecoaram os primeiros acordes daquele cântico que deveria soar por sobre as colinas de Belém: «Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens.» (Lucas 2:14). Com mais intensa alegria então do que no enlevo da criação «as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam.» (Job. 38:7).

Pela sua vida e morte Jesus operou ainda mais do que a restauração produzida pelo pecado. Era o intuito de Satanás causar entre o homem e Deus uma eterna separação; em Jesus, porém, chegamos a ficar numa mais íntima união com Ele do que se nunca houvéssimos pecado. Quando tomou a nossa natureza, o Salvador ligou-se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Estar-nos-á ligado por toda a eternidade. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito.» (João 3:16). Não O deu.

(Continua na pág. 13)



# NOTÍCIAS DO CAMPO

## AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

### BRAVA

Adormeceu, piedosamente, no Senhor, no dia 29 de Abril último, a estimada irmã D. Arsénia de Barros Sanches «Fidgi», tendo sido sepultada no cemitério de Lêm.

Esta nossa irmã sofreu, dolorosamente, de uma pertinaz doença de cancro, nos últimos seis anos, deixando em todos que com ela conviveram a certeza de que baixou à sepultura, aguardando o chamamento do Senhor Jesus, quando vier em glória buscar os remidos.

No cemitério, tive oportunidade de falar, perante numerosa assistência acerca da bem-aventurada esperança com que a nossa irmã baixou à sepultura e que sempre tem acompanhado a igreja, desde os seus primeiros alvares.

A família enlutada apresentamos os nossos pêsamos, nomeadamente ao Irmão Francisco Sanches, reiterando-lhes que de acordo com a firme crença da irmã D. Arsénia, preparamo-nos cuidadosamente para a Vinda gloriosa do Salvador que chamará à vida todos os que dormiram confiando nas Suas promessas.

*Isaías da Silva*

### CABO VERDE

Esteve em Cabo Verde em visita oficial, o Pastor Pedro Ribeiro, Secretário-Tesoureiro da União Portuguesa. Da sua estada nesta Província, advieram visíveis benefícios para a nossa Missão.

Contamos para o próximo mês de Outubro com a visita do Pastor Armando Casaca, Director da União. Ele também virá dar sem dúvida com a sua experiência e saber, largo contributo para o avanço da nossa Obra neste Arquipélago.

Além da construção que para já, iremos começar em Curral Grande — FOGO, pensamos também dentro de um tempo não muito distante iniciar os trabalhos na edificação de um Templo Escola — Residência, na cidade da Praia.

Nesta última cidade, embora seja a capital, é o lugar onde estamos mais mal instalados o que nada honra a nossa Missão. Logo que tenhamos o Projecto devidamente aprovado iniciaremos os trabalhos.

É com grande expectativa, que aguardamos a época das chuvas o que já não está longe. Que Deus se digne enviar as águas

pluviais, para que aqui a vida seja um pouco mais fácil para todos. Que Deus nos envie também a CHUVA SERÓDIA, e nos limpe com a Água do Seu Espírito, libertando-nos assim de toda a maldade e pecado, para que em dias não muito distantes, possamos receber de pé O Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

*Manuel Laranjeira*

## Através do Mundo Adventista

### A Mensagem na Colômbia

Segundo as estatísticas publicadas pela Confederação Evangélica da Colômbia, o número de protestantes baptizados na Colômbia aumentou, anualmente, 16 %, durante os últimos sete anos, atingindo a cifra total de 33.156.

As cinco denominações mais importantes na Colômbia são: os Adventistas do Sétimo-Dia (11.866 membros); a convenção baptista colombiana (3.422); a igreja pentecostal unida (3.000); a igreja presbiteriana da Colômbia (1.684), e aliança cristã e missionária (1.571 membros).

Segundo as informações recebidas recentemente, sabe-se que os nossos irmãos da Colômbia estão desenvolvendo grande actividade missionária, que se está traduzindo, continuamente, em numerosas preciosas almas ganhas para Jesus.

### Os obreiros-leigos ao trabalho

Em Everett, no distrito de Washington, foram baptizadas 25 pessoas como resultado de uma entusiástica campanha de evangelização lançada sob o título de «Jesus Cristo, nossa esperança».

Também em San António, no Texas, cinco pessoas foram baptizadas, depois de haverem aceitado a fé, para a qual foram chamadas por ocasião da Campanha das Missões.

### A «Voz da Profecia» em Brasília

Os programas da «Voz da Profecia», em português, estão, agora

a ser radiodifundidos no coração da magnífica cidade de Brasília. A potente emissora de Rádio Nacional de Brasília já difundia os nossos programas, onze dias antes de Brasília ter sido oficialmente proclamada capital do Brasil.

### A Mensagem na Formosa

Quatro campanhas de evangelização dirigidas pelos professores do nosso Seminário da Formosa tiveram a frequência média de mais de 2 000 pessoas. Mais de 500 de entre elas inscreveram-se nas classes baptismais e reagruparam-se mais de 200 antigos membros.

### A Etiópia ilumina-se

O irmão A. F. Tarr, presidente da Divisão Norte-Europeia da qual dependem administrativamente algumas das missões africanas comunica o seguinte: «Têm-se efectuado progressos muito encorajadores em todos os nossos campos missionários. Na Etiópia desperta-se um grande interesse popular, semelhante ao que se manifestou na parte meridional do país, há quatro anos. Nunca se registaram, ali, tantos baptizados».

O irmão Varmer, presidente da União e eu fomos recebidos pelo Imperador Hailé Selassié que nos concedeu uma cordial entrevista, durante a qual sua majestade manifestou, como já tem feito várias vezes, um vivo interesse por todas as actividades da nossa Obra.»

A segunda Vinda de Jesus tem uma importância tão grande para cada ser humano que a Bíblia fala dela repetidamente. Este facto indica que Deus, que tanto ama o género humano, não quer que ninguém se encontre desprevendo, quando Jesus voltar.

Jesus, discutindo com os discípulos este assunto, advertiu-os dizendo: «E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria e embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso, aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra. Vigiai, pois, em todo o tempo, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão-de acontecer, e de estar em pé, diante do Filho do homem.» (Lucas 21:34-36).

O Dr. J. B. Phillips comenta assim este passo: «Olhai por vós mesmos, para que as vossas mentes nunca sejam obscurecidas pela dissipação, pela embriaguez e pela solicitude desta vida, pois de outro modo, aquele dia apanhar-vos-á de improviso como um laço, porque cairá sobre todos os habitantes da terra. Vigiai, em todo o tempo, e pedi para que possais ser bastante fortes para escapardes a tudo quanto está para acontecer e para comparecer na presença do Filho do homem.»

Além dos grandes e numerosos sinais anunciados em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, encontramos esta predição exacta do próprio Salvador «E como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e os consumiu a todos.» (Lucas 17:26,27).

Esta predição é tão precisa que é impossível qualquer engano com respeito à identificação da aproximação do período do Segundo Advento de Jesus.

Basta apenas esperar que as condições do mundo sejam semelhantes às que precederam o Dilúvio, e quando elas se manifestarem,

então dar-nos-emos conta de que está próximo o fim do mundo.

Quais eram, então, as condições que prevaleciam naqueles longínquos dias? Que coisa faziam as pessoas, e que obrigaram Deus a pronunciar contra elas um juízo tão terrível?

«Comiam, bebiam e casavam», possivelmente, em excesso. Mas isto não era tudo. Para conhecer a história completa da sua deparação e da muita indulgência para consigo mesmos, é necessário ler o sexto capítulo do Génesis, onde se recorda toda a trágica história. São três os pontos de acusação apresentados contra os ante-diluvianos:

1. — «Tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.» (versículo 2). Evidentemente, naqueles dias, as pessoas divorciavam-se e tornavam-se a casar muito facilmente e, provavelmente, eram polígamos sem escrúpulos.

2. — «E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era má continuamente.» (versículo 5). Isto denota uma degeneração total da mente e do corpo, através de um impudente desprezo pelos Mandamentos de Deus.

3. — «A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus: e encheu-se a terra de violência.» (versículo 11). As pessoas, movidas por instintos criminosos, vagueava em busca de prazeres viciosos, sádicos.

Não se notam, porventura, hoje, as mesmas condições? Não temos, possivelmente, voltado aos tempos de Noé? Os jornais respondem claramente.

As estatísticas dos divórcios oferecem-nos o triste quadro de um casamento falido em três ou quatro, e ainda dizem que os divorciados voltam a casar com tanta frequência que a sua situação pode ser definida como uma poligamia legalizada.

As informações da polícia revelam que todas as grandes cidades

# Está Próxima a

ARTUR S.

estão cheias de vícios e de prostituição.

Por vários inquéritos sabe-se que está muitíssimo espalhada a circulação de gravuras pornográficas, especialmente, entre a juventude.

Os números da FBI demonstram como os crimes de violência aumentam de ano para ano: os roubos à mão armada, os raptos, os homicídios, tornaram-se tão comuns, que nalgumas localidades os cidadãos honestos não podem sair de casa, durante a noite.

É um espectáculo triste e pavoroso o que se nos oferece perante os nossos olhos, e que irá piorando, porquanto a nova geração está sendo educada no desprezo pelas leis, pelas contínuas cenas de crimes e de violências que aparecem nos cinemas.

Uma descrição destes sinais encontra-se na segunda carta de S. Paulo a Timóteo: «Sabe porém isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te.»

Adapta-se ou não esta descrição aos nossos tempos? Evidentemente, e com bastante exactidão. É certo que sempre tem havido pessoas egoístas, amantes do dinheiro, orgulhosas e arrogantes: em todas as gerações se têm encontrado pecados deste género; mas o que torna a situação actual diversa das precedentes é a universalidade destes pecados. O mundo inteiro está implicado nesta queda moral; pois

# Vinda de Jesus?

MAXWELL

«os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados.» (versículo 13).

O aumento deplorável da delinquência juvenil, de acções bárbaras e insensatas realizadas por bandos de vadios imorais, de ébrios, de perjuros e de malfeitores de toda a espécie, é uma prova suficiente de que chegámos aos «últimos dias».

S. Tiago indica um outro sinal de particular interesse; diz respeito ao problema do capital e do trabalho, tanto actual nos nossos dias. «Eis, pois, agora, vós ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias que sobre vós hão-de vir. As vossas riquezas estão apodercidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso oiro e a vossa prata se enfurrijaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama, e os clamores dos que ceifaram, entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente vestestes sobre a terra, e vos deleitastes: cevastes os vossos corações, como num dia de matança.» (Tiago 5:1-5).

As preocupações dos ricos são hoje evidentes, com os encargos impostos pelo fisco e o terrível espectro da inflação. As ambições de dirigir e desempenhar cargos de grande responsabilidade, tornaram-se, hoje, fontes de constante preocupações, por causa das inumeráveis restrições e limitações impostas pela sociedade no mundo dos negócios.

No meio resta titânica luta social, neste clima, move-se o humilde, inofensivo operário cristão, cujo único desejo é o de viver em paz com todos os homens. Foi para

estes operários que Tiago escreveu as seguintes palavras: «Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós, também, pacientes, fortalecei os vossos corações: porque já a Vinda do Senhor está próxima.» (Tiago 5:7,8).

O apóstolo Pedro dá-nos a conhecer um outro sinal; diz respeito à atitude que alguns assumem perante a doutrina cristã do Segundo Advento de Jesus: «Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua Vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água, e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios.» (II Pedro 3:3-7).

Não é difícil encontrar tais escarnecedores, nos nossos dias. Infelizmente, alguns deles até são pregadores, os quais, sem vergonha, declaram que Jesus não voltará em pessoa. Outros são educadores que favorecem a difusão da doutrina atesta da evolução e riem-se da narração bíblica da criação e do dilúvio e, naturalmente, do Segundo Advento. Mas todos os seus falsos argumentos são provas ulteriores de que a Palavra de Deus é verdadeira e que estamos nos últimos dias.

Um outro sinal refere-se à pregação do Evangelho por todo o mundo. «Este evangelho do reino — disse Jesus — será pregado ao mundo inteiro, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». A única dificuldade acerca

desta predição é que ninguém poderá dizer com exactidão, quando é que o Evangelho terá sido pregado em todo o mundo. Contudo, o facto de a Bíblia estar traduzida em mais de 1100 línguas e que, todos os anos se imprimem e distribuem milhões de exemplares, é bastante significativo. E também tantas outras publicações que têm a Bíblia como tema, também se espalham aos milhares por todo o mundo.

Além disso, fervorosos ministros do Evangelho servem-se da rádio e da televisão para alcançarem as mais remotas zonas do globo. Por isso, apesar dos grandes obstáculos que deve transpor, a Mensagem da Salvação está agora voando, literalmente, «voando no meio do céu, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo.» (Apocalipse 14:6).

Só Deus conhece se o Evangelho progride com os prodigiosos desenvolvimentos da população, ou se progride ainda mais. Se não fosse assim, poderíamos estar certos de que Deus encontraria o meio para resolver este importantíssimo problema. «Não faltará, nem será quebrantado, até que ponha na terra o juízo: e as ilhas aguardarão a sua doutrina.» (Isaias 42:4).

São estes alguns dos sinais do Segundo Advento de Jesus, como os encontramos na Bíblia. São realmente sinais para o nosso tempo, enquanto se estão singularmente cumprindo nos acontecimentos e nas condições dos nossos dias.

Se forem considerados separadamente, cada um deles é de significado vital; mas se forem observados em conjunto, como se fossem acumulados uns sobre os outros, então têm um significado que pode sacudir o mundo até aos seus alicerces. A sua mensagem tem uma importância imensa e influi no destino de cada um, inclusive no vosso e no meio. Em tom forte e bem distinto, todos eles proclamam à humanidade: «A VINDA DO SENHOR ESTÁ PRÓXIMA.» (Tiago 5:8).

# QUANTOS EVANGELHOS?...

WALTER L. EMMERSON

O «evangelho de Tomé» descoberto nos últimos anos, deverá ser incluído na Bíblia?

Depois de haverem dominado no campo dos estudos bíblicos durante uns onze ou doze anos, os rolos do Mar Morto, acabaram por ser suplantados, recentemente, como centro de interesse arqueológico e bíblico, por uma outra descoberta de manuscritos, no Egipto em 1945, portanto, ainda antes da descoberta dos rolos do Mar Morto, mas que ficaram na sombra, por causa de uma certa divergência com o governo egípcio acerca da atribuição da propriedade.

A colecção inteira dos papiros compreende treze códices ligados em peles, contendo mais de mil páginas de manuscritos, redigidos em língua copta e que datam do terceiro ou quarto século da nossa era. Foram encontrados por alguns camponeses, quando cavavam junto de uma sepultura pagã, perto de Nag Hamadi, a cerca de 97 quilómetros de Luxor, no Egipto meridional. Quando uma ou duas folhas chegaram ao mercado dos antiquários do Cairo, compreendeu-se imediatamente o seu valor, levando sem demora o orientalista francês Jean Doresse a realizar buscas sistemáticas; conseguiu recuperar todos os papiros que, felizmente, não tinham sido destruídos. Um dos códices tornou-se propriedade do Instituto Jung, de Zurique e agora é conhecido pelo nome de Papiro de Jung. Os outros doze encontram-se no Museu do Cairo.

Os estudiosos atribuíram aos novos manuscritos a maior importância.

O Prof. Skeat, vice-director do Departamento dos Manuscritos do Museu Britânico, falou daqueles manuscritos como de uma das maiores descobertas no campo dos estudos do Novo Testamento, nos últimos tempos. O Dr. Óscar Culman, professor de História do Cristianismo primitivo, na Sorbona,

declarou-os «comparáveis, pela importância, aos Rolos do Mar Morto e até de maior valor para os estudiosos do Novo Testamento. «O Prof. Gilles Quispel, da Universidade de Utrecht, afirmou que estes manuscritos «dominarão os estudos do Novo Testamento, durante trinta anos».

O documento de maior valor são vinte páginas do papiro que contém 114 frases, atribuídas a Jesus «Ditos de Jesus» e que começam assim: «Estas são as palavras secretas que Jesus o vivente pronunciou e que Dídimo Judas Tomé escreveu». Por consequência, tal documento foi designado com o nome de «Evangelho de Tomé», embora não se trate de nenhuma narração, mas de «ditos» desconexos; e tornou-se comum a ideia de que provavelmente temos aqui um «Quinto Evangelho» que deverá ser posto ao lado dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. De facto, uma série de artigos do Prof. Quispel, um dos tradutores dos papiros, apareceu no *Evening News* de Londres, intitulada: «Novos ditos de Jesus», e um dos subtítulos dizia: «Uma nova fonte do Cristianismo além da Bíblia».

Que se deve dizer a propósito desta pretensão? É concebível que os Cristãos se tenham enganado ao acreditarem que o Novo Testamento, como hoje o conhecemos compreenda o corpo inteiro dos escritos inspirados transmitidos pelos primeiros apóstolos, e que agora seja necessário acrescentar-lhe «um quinto Evangelho?».

Como resposta a esta pergunta deve sublinhar-se, imediatamente, que não é a primeira vez que presumíveis textos «evangélicos» vêm à luz sob a forma de apanhados dos «ditos» de Jesus e de novos fragmentos «evangélicos». Têm sido encontrados bastantes destes pretendidos textos «evangélicos», mas sub-

metidos a um exame atento, têm aparecido, sem excepção tão distantes na forma e no conteúdo, dos Evangelhos canónicos, que se revelam como narrações deformadas da vida e dos ensinamentos de Jesus. Alguns deles relatam fantasias milagrosas da infância de Jesus e podem ser rejeitados sem mais contemplações. Quando no quinto século, S. Jerónimo traduziu a Bíblia para latim, já conhecia a existência destes textos a que chamou «refugos». Outros, porém, apresentaram-se, subtilmente, sob a forma de «ditos» que se fazem passar como autênticos com o escopo de sustentarem determinadas perversões do verdadeiro evangelho de Jesus.

Entre estes últimos, os mais prolíficos são os escritos dos Cristãos gnósticos, que floresceram, especialmente, no Egipto. Formavam eles uma seita que procurava assimilar os ensinamentos de Jesus às ideias filosóficas dos pensadores gnósticos gregos. Segundo os Cristãos gnósticos, Jesus não foi o divino Filho de Deus, mas sim um «anjo», ou um «sábio», que recebeu de Deus revelações secretas acerca da salvação e que depois comunicou aos discípulos. Os gnósticos desprezavam o corpo e exaltavam o espírito do homem. Repudiavam o ensino do Antigo Testamento e a Lei divina a favor do íntimo conhecimento espiritual que Jesus lhes tinha revelado, e em lugar do futuro reino, tão proeminente na revelação bíblica, proclamavam um reino espiritual no qual os homens podiam entrar, em virtude da especial «gnosis» (conhecimento), de que só eles possuíam a chave.

S. Paulo, sem dúvida teve conhecimento dos inícios deste sério desvio do puro Cristianismo, quando pôs em guarda o jovem discípulo Timóteo contra «a falsamente chamada ciência «gnosis» (I Timóteo 6:20), e advertiu os crentes

cristãos de que deviam repudiar qualquer outro «evangelho» que não fosse o autêntico que ele e os outros apóstolos pregavam, mesmo que tal evangelho pretendesse vir de um «anjo» do céu (Gálatas 1:6-9).

Quando esta nova descoberta dos papiros do Egípto meridional foi examinada por especialistas, reconheceu-se, imediatamente, neles um outro produto da actividade literária dos Gnósticos. Em torno destes papiros publicou-se, em francês, um volume do próprio autor da descoberta, Prof. Jean Doresse, intitulado: *Livros Secretos dos Gnósticos Egípcios*. O Prof. Quisquel, que trabalhou, de maneira especial com o chamado «Evangelho de Tomé» aventou a hipótese que possa ser obra da comunidade judaico-cristã que se transferiu para Pella, na Jordânia, pouco antes da queda de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, e que pelo menos metade dos «ditos» representem «uma tradição evangélica independente... tão autêntica como a que aparece nos Evangelhos do Novo Testamento. Outros, porém, estão convencidos de que o denominado «Evangelho de Tomé» não é de nenhum modo um «Evangelho» real, mas que, de acordo com os manuscritos com os quais foi encontrado, recolhe «ditos» imitados, destinados a alimentar as ideias gnósticas, e correlacionados com o nome do apóstolo Tomé só para lhes dar um aspecto de autoridade apostólica.

Na realidade, uma parte deste achado já era conhecida, há muitos anos, através dos manuscritos gregos do século segundo, dos quais foi feita, sem dúvida esta tradução copta do terceiro ou quarto século.

Em 1896, os doutores Grenfell e Hunt extraíram dos montões de refugio de Fayum, no Egípto Central, alguns papiros gregos, talvez do ano 140 da nossa era (e que hoje se encontram no Museu Britânico e na Biblioteca Bodleiana de Oxford) contendo um certo número de «ditos» de Jesus, diferentes de todos os que se encontram nas nossas Bíblias. Estes mais antigos papiros gregos, revelam-se agora idênticos aos «ditos» coptas.

As palavras de introdução do «Evangelho» «Estas são as palavras secretas que Jesus pronunciou», lembram-nos, imediatamente o ensinamento gnóstico da «gnosis» escondida, revelada, apenas a um círculo íntimo dos discípulos, o qual possuía a «chave secreta» da salvação e da immortalidade.

Um outro «dito» que diz assim: «Corta o lenho: eu estou aqui; levanta a pedra e tu me encontrarás», reflecte a mística doutrina do deus imane dos Gnósticos, em vez daquela de Deus transcendente, como temos na Bíblia, e do «Deus manifestado na carne» do verdadeiro Evangelho.

Segundo o «Evangelho de Tomé», Jesus lançou o desprezo sobre a ideia do reino de Deus entendida como um verdadeiro reino futuro. «Se os que vos guiam vos disserem: Eis que o reino está no céu, então as aves vos precederão... O reino está em vós e fora de vós».

Entre os «ditos» figuram as parábolas do semeador, da rede, da semente de mostarda e do rico louco, mas todas elas estão modificadas aqui e acolá de modo a harmonizarem-se com as ideias gnósticas. Outros «ditos» parecem desencorajar o matrimónio, como efectivamente faziam os Gnósticos, ao passo que o Jesus da Bíblia o abençoa.

De tudo isto resulta que é difícil aceitar a afirmação do Prof. Quispel de que no «Evangelho de Tomé» temos uma tradição das palavras de Jesus mais antiga do que

a que está contida nos quatro Evangelhos das nossas Bíblias.

É, antes, bem claro que estes «ditos» do terceiro ou do quarto século são uma tradução dos «ditos» do segundo século postos na boca de Jesus só para propagarem as ideias gnósticas.

Também nos parece exagero a afirmação do Dr. Óscar Cullman de que este documento é comparável pela importância aos Rolos do Mar Morto e que será «capaz de enriquecer e de fazer progredir o nosso conhecimento dos Evangelhos canónicos».

Os Rolos do Mar Morto contêm escritos genuínos do Antigo Testamento, que são muito mais antigos que todos os escritos do Antigo Testamento que possuíamos antes da sua descoberta; também confirmaram, de maneira notável, a fidelidade com a qual o texto bíblico foi transmitido através dos séculos. Os documentos extra-bíblicos também nos forneceram preciosas informações sobre as condições religiosas que prevaleciam entre os Judeus, aos quais Jesus se dirigiu.

Os novos textos coptas, representando a mais ampla recolha dos livros gnósticos que possuímos, são importantes pela nova luz que projectam sobre uma das mais sérias controvérsias da Igreja primitiva; mas, pelo que diz respeito à Bíblia, o «Evangelho de Tomé», segundo todas as aparências, não enfraquecerá nem sequer levemente, a autoridade dos quatro Evangelhos inspirados que nos foram transmitidos pelos apóstolos.

(Continuação da pág. 8)

somente para levar os nossos peccados e morrer em sacrifício por nós; deu-O à raça caída. Para nos assegurar o Seu imutável concerto de paz, Deus deu o Seu Filho Unigénito a fim de que tornasse membro da família humana, restando para sempre a sua natureza humana. É esse o penhor de que Deus cumprirá a sua Palavra.

Deus adoptou a natureza humana na pessoa de Seu Filho, levando a mesma natureza para o céu. Aquele que é santo, inocente, immaculado, separado dos pecadores, não se envergonha de nos chamar «irmãos». Em Jesus acham-se ligadas as famílias da Terra e do Céu. Jesus glorificado é nosso irmão. O céu acha-se abrigado na humanidade, e esta envolvida no seio do Infinito Amor.



# O Auxiliar da Escola Sabatina

Ano I

Julho de 1961

N.º 7

## Para a Divisão dos Adultos

### TEMA GERAL—ESTUDOS NO EVANGELHO DE S. JOÃO

#### *Nota aos Professores e Membros da Classe:*

Ao começarmos este novo trimestre — que nos leva ao meado do ano — bem nos convirá lançar uma vista de olhos para dentro de nós mesmos, e formularmo-nos algumas perguntas. Vem a propósito o seguinte trecho, dos *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 76:

“Professores e obreiros de cada departamento da escola sabatina, a vós me dirijo no temor de Deus... Cuidareis de vossos alunos, fazendo esforços especiais para sua salvação. A eles vos unireis em amorável simpatia, visitando-os em seu lar e, ao conversar com eles a respeito de sua experiência nas coisas de Deus, haveis de conhecer-lhes a verdadeira condição e, nos braços da fé, os levareis ao trono do Pai.»

É uma verdade pedagógica o facto de que, para ensinar eficazmente, deve o professor conhecer e compreender cada membro da sua classe. Quanto sabemos dos membros de nossa classe? Já alguma vez visitei os meus alunos nos seus lares? ou os convidei para me visitarem? Que sei eu acerca da base da sua vida espiritual, da sua personalidade, interesses, necessidades espirituais, etc.? A questão de primeira importância, sem dúvida, é a seguinte: Estou eu pessoalmente interessado no bem-estar espiritual e geral dos membros da minha classe? Conheço as suas necessidades o suficiente para adaptar a lição de modo que eles tirem benefício pessoal do período da classe?

É este um assunto acerca do qual devemos orar e fazer alguma coisa. Certo, Deus nos ajudará a sermos professores como devemos ser, na palavra e no exemplo. Animemos os membros da nossa classe a visitar os doentes, os ausentes e os membros em perspectiva.

Nem sempre é fácil manter-nos a par das necessidades e interesses dos membros e dos membros em perspectiva, mas isso é essencial se quisermos fazer uma aplicação prática da Bíblia a sua vida diária. Convém a todo o professor lembrar-se de que ele é, por assim dizer, o pastor da sua classe.

#### Introdução Geral ao Evangelho de S. João

Pelo tempo em que foi escrito o evangelho de João, a igreja cristã era predominantemente gentia. Havia o influxo de crentes novos, com base não judaica, mas helenística. Evidentemente este evangelho foi escrito de modo a recomendar a fé cristã ao mundo grego e combater certas heresias e ideias errôneas que haviam penetrado na igreja.

O Quarto Evangelho, como é muitas vezes chamado, é bem diferente dos de Mateus, Marcos e Lucas. João omite muitas coisas que os outros mencionam, e por outro lado João relata muitos factos por eles omitidos. É ideia geral que, embora o evangelho de João difira em muitos respeito dos outros evangelhos, isto se dê não porque faltassem a João conhecimentos acerca dos factos contidos nos Evangelhos Sinóticos. Conservando na mente o seu alvo (S. João 20:30 e 31), o autor reuniu e seleccionou do seu extenso cabedal de narrativas e experiências unicamente as mais adaptadas a alcançar esses objectivos.

Como se deu com os outros três evangelhos, João foi especialmente inspirado a escrever o que se contém no livro que tem o seu nome. Fazem parte das mais preciosas posses da igreja os assuntos peculiares ao Evangelho de João. Nenhum dos outros evangelistas nos proporciona tão profundas declarações acerca da divindade e missão de Cristo, a obra do Espírito Santo e a justificação pela fé como o discípulo amado, que destaca de modo especial esses assuntos.

LIÇÃO 1 — 1 DE JULHO DE 1961

Jesus — Deus e Homem

TEXTO: S. João 1:1-18.

VERSO AUREO: S. João 1:14.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições. O livrinho *A Santificação*, de E. G. White, traz três preciosos capítulos sobre a pessoa

de João. Vale a pena lê-los. Convirá também sempre consultar a parte correspondente aos juvenis.

### Introdução

Os primeiros 18 versículos do livro de João são em geral considerados como o prólogo, ou introdução, ao livro. Esse prefácio expõe inequivocamente o assunto de seu Evangelho — a Palavra de Deus.

“Em parte alguma da Bíblia”, observa com razão o comentarista Ryle, “encontraremos afirmativas tão claras e distintas acerca da natureza divina de nosso Senhor Jesus Cristo. Em parte alguma acharemos tantas expressões que, por falta de poder mental, mortal algum pode apreender ou explicar plenamente. Em parte alguma das Escrituras é tão profundamente importante prestar atenção a cada palavra, e mesmo a cada tempo de verbo empregado em cada sentença. Em parte alguma da Escritura se evidenciam tão flagrantemente a perfeita exactidão gramatical e precisão verbal de uma composição inspirada. Talvez não seja demais dizer que nem uma só palavra poderia ser alterada nos primeiros cinco versículos do Evangelho de S. João, sem abrir a porta a alguma heresia.” — *Expository Thoughts on the Gospels*, Vol. 3, pág. 6.

Será interessante notar, ao estudar este evangelho a frequente repetição de certas palavras-chave que acentuam a pureza de propósito do autor. Palavras como *vida*, *luz*, *verdade*, *crer*, etc., aparecem repetidamente.

Ao estudarmos este Evangelho e as grandes verdades que encerra, encontraremos em suas páginas a destilação do pensamento joanino acerca de Jesus, através de um período de cerca de sessenta anos. Dia a dia o Espírito Santo lembrava a João as coisas que Jesus dissera, e lhe acentuava o sentido, e nos anos finais da sua vida, João, o último dos apóstolos vivos, pôs-se a escrever não só aquilo que ele ouvira Jesus dizer mas também, sob a guia do Espírito Santo, o que ele sabia que Jesus queria significar em Suas palavras. No princípio João não compreendia muitas das coisas que Jesus dissera, mas através dos sessenta anos o Espírito de verdade lhe revelara ao entendimento o pleno sentido das preciosas palavras de Jesus.

### O Verbo de Deus

Pergs. 1 e 2. S. João 1:1. Será interessante que a classe acompanhe o professor em recitar em conjunto estes versículos.

Ao considerarmos estes versos, que três factos notamos acerca do *Verbo*? 1) Mesmo no princípio das coisas o *Verbo* já existia, e estava presente em pessoa; o *Verbo* é parte da eternidade e já existia antes de haver tempo e antes da criação da matéria.

2) O *Verbo* estava com Deus — sempre existiu a mais íntima relação entre o *Verbo* e Deus. Por virtude desta intimidade e relação de igualdade com Deus, é Jesus o único que pode revelar a semelhança de Deus e Seus sentimentos para conosco. 3) O *Verbo* era Deus. Guilherme Barclay, em sua interpretação do texto grego, faz esta observação:

“João não diz que o *Verbo* era *ho theos*; isto seria o mesmo que dizer que o verbo era *semelhante* a Deus; diz ele que o *Verbo* era *theos* — sem o artigo — o que quer dizer que o *Verbo* era, como diríamos de carácter, qualidade, essência e ser iguais a Deus.” — *The Gospel of John*, Vol. 1, pág. 17.

Perg. 8. S. João 1:10 e 11. “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam.” Eis aí um quadro que pinta uma tragédia. Não veio Ele à Grécia, ou Roma, ou Egipto; veio à Palestina que, em sentido especial, era terra de Deus, onde habitava o Seu povo escolhido, “e os Seus não O receberam”. Essa nação deveria ter escancarado a porta, acolhendo-O de braços abertos, mas rejeitaram-n’O — tal qual uma pessoa que venha para seu lar e não seja recebida pelos familiares. Está ainda hoje acontecendo isso a Jesus?

Perg. 11. S. João 1:14. “O *Verbo* Se fez carne, e habitou entre nós.» Será interessante pedir o professor que a classe diga de memória este versículo, e diga qual o facto supremamente importante nele apresentado.

Este é um dos versículos verdadeiramente grandes do Novo Testamento. É verso no qual “poderíamos passar toda a existência a pensar e estudar, e ainda não exauriríamos a verdade que encerra.”

“Aí está a coisa inteiramente nova que João apresentou ao mundo grego, para o qual escrevia. Santo Agostinho, posteriormente, disse que antes de aceitar o cristianismo ele lera e estudara os grandes filósofos pagãos e seus escritos, e que lera muita coisa, mas jamais lera que o *Verbo* Se fizera carne. Para o grego era isso coisa impossível.” — Guilherme Barclay, *The Gospel of John*, Vol. 1, pág. 44.

### Para o Próximo Sábado

Pode o professor pedir a alguns membros da classe que estudem alguns pontos específicos e venham preparados para apresentá-los, tais como: Por que foi Jesus convidado para as bodas de Caná? Será que João Baptista foi também convidado? Se convidado, teria ele ido? Por quê? Por que Jesus não operou o Seu primeiro milagre diante de uma multidão, em Jerusalém, em vez de Caná?

Qual seria a razão que levou Maria a dizer a Jesus que o vinho se acabara?

Dê o professor certas incumbências aos membros da classe, segundo julgue melhor. Estimule a classe a um estudo mais intenso da lição da Escola Sabatina.

LIÇÃO 2 — 8 DE JULHO DE 1961

Como Iniciar a Lição

**Jesus e Seus Dois Primeiros Milagres**

TEXTO: S. João 2:1-11; 4:46-54.

VERSO ÁUREO: S. João 2:11.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

**Nota ao Professor**

Em nosso empenho por aplicar as verdades desta lição a nós mesmos e ao coração dos membros de nossa classe, temos de lembrar-nos constantemente da que não devemos apenas "passar a lição", mas ter presente que estamos ensinando a pessoas que têm de diariamente enfrentar os problemas de uma época tensa e ímpia. Para ensinar eficazmente temos que estudar como satisfazer as necessidades de cada membro da classe. Porventura falta a alguns a fé, a ponto de serem tentados a desistir, quando as coisas se tornam difíceis? Haverá alguns que vivem uma vida de mornidão e indiferença? Há algum membro da classe que não tenha dado ao Senhor o coração? Precisamos suprir-nos de uma reserva de fé para o tempo de angústia? Mediante oração e diligente estudo da Palavra de Deus, descobrirá o professor a resposta à pergunta: Como poderei melhor ensinar esta lição e torná-la cheia de significado para a minha classe?

Como professores, bem nos convirá lembrar que, ao ensinar narrativas familiares, não devemos passar tanto tempo na apresentação dos factos da lição que não reste tempo algum para a aplicação prática à vida diária dos membros da classe. Animo-mo-los a buscar esses pontos no seu estudo diário, dando-lhes oportunidade de apresentá-los em classe.

**Introdução**

A palavra de Jesus vale tanto quanto a Sua presença. Assim compreendemos a necessidade de conhecer as Suas promessas, de modo a estarmos em condições de reclamá-las pela fé.

No caso das bodas, Maria demonstrou a sua fé no Filho, quando disse aos servos: "Fazei tudo o que Ele vos disser." Que melhor conselho do que esse haveria para nós hoje? Crer e agir!

No caso do régulo, a sua fé apoderou-se da promessa. Ele creu e o milagre se operou. Eis um exemplo de fé simples, que aceita as promessas de Deus, age de acordo com elas, e considera a promessa cumprida. Esses princípios são essenciais à vida cristã.

Tanto os adultos como os jovens e as crianças apreciam lições objectivas, ilustrações. Jesus constantemente Se servia de ilustrações bem escolhidas.

O professor poderá levar para a classe uma garrafinha de suco de uva. Peça a alguém (de preferência alguém que já tenha feito suco de uva em casa) que conte como se faz o suco. De onde vem o suco que a uva contém? Poderá alguém explicar o processo pelo qual a videira floresce, produz uvas que, maduras, encerram o delicioso suco? Não é isso um milagre? Na lição desta semana, Jesus produziu suco de uva por processo diferente. Podemos nós compreender o processo?

**As Bodas Aldeãs**

Pergs. 1-3. S. João 2:1-3. A festa das bodas, na Palestina, geralmente duravam sete dias, chegando dia a dia novos hóspedes. Segundo a lei judaica, o casamento de uma virgem devia realizar-se quarta-feira. A cerimónia propriamente dita realizava-se na tarde da noite, após um banquete. Então, após a cerimónia, o jovem par era conduzido através das ruas da aldeia, sob um dossel e acompanhado de tochas. Usavam coroa e eram realmente tratados como rei e rainha. (Barclay).

Pergs. 4 e 5. S. João 2:3 e 4. Embora os tradutores nos tenham dado o sentido das palavras de Jesus, não puderam transmitir-nos o tom de voz em que as expressou. Não encerram elas nenhuma rudeza ou falta de cortesia. Era expressão em uso naquele tempo.

Pergs. 7 e 8. S. João 2:7. "Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente.»

Observou alguém que os deveres nos pertencem, enquanto os acontecimentos pertencem a Deus. A nós cabe encher de água as talhas. É da responsabilidade de Cristo fazer da água vinho.

Jesus não limita a Suas próprias mãos a Sua obra de salvar, ajudar e curar o mundo. Serviu-se dos servos como auxiliares Seus, e aprecia os obreiros voluntários. Foi dito de Santa Terezinha, pelos que a conheceram:

"Em coisa alguma era ela mais jeitosa do que em coisas pequeninas. 'Nunca se deixava ficar ociosa', disse alguém, 'e nunca lhe faltava trabalho.' 'Ela gosta muito de empenhar-se nos deveres mais comuns e humildes; e seus companheiros me asseguram que, quando é dela a semana de trabalhar na cozinha, nunca lhes falta coisa alguma.' E como faltaria, se, como disse Santa Tereza, 'o Senhor anda entre as panelas e caçarolas', justamente como no jardim do Éden, 'e Ele vos ajudará nas tarefas da vida interior, bem como nas da vida exterior?'" — *The Interpreter's Bible*, Vol. 8, pág. 493.



### Para Meditar

1. Nos dois milagres estudados nesta lição, foi a fé exercida por Maria a mesma que a manifestada pelo régulo? Por que motivo assim cremos?

2. Suponhamos que o régulo vivesse hoje, e Jesus estivesse na Terra: que dificuldades experimentaria ele para ir ter com Jesus?

3. Que experiências já passou, nas quais teve que exercer grande fé?

4. Para que grande banquete de bodas deve cada um de nós estar-se preparando? (Ver Apoc. 19:9).

### Para o Próximo Sábado

Peça à classe que decore S. João 3:1-8. Além de animar à sua classe a estudar diligentemente toda a lição, peça a um ou dois membros que dirijam um estudo de dois ou três minutos sobre dois ou três versículos escolhidos da lição, usando ilustrações e aplicações que eles mesmos elaboraram. S. João 3:6-8, por exemplo, poderia ser uma das incumbências.

## LIÇÃO 3 — 15 DE JULHO DE 1961

### Jesus e Nicodemos

TEXTO: S. João 2:23-25; 3:1-17.

VERSO ÁUREO: S. João 3:5.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

### Introdução

Na palestra entre Jesus e Nicodemos temos uma das mais importantes passagens encontradas na Bíblia. Duas importantes doutrinas aí se apresentam: o novo nascimento e a salvação em Jesus. Em nenhuma outra parte encontramos declarações tão claras vigorosas e directas acerca desses dois assuntos, como neste capítulo. Precisamos estar perfeitamente familiarizados com os princípios expostos neste capítulo, não só do ponto de vista de nossa salvação, mas também para podermos comunicar a outros essas importantes verdades. É possível não termos uma completa compreensão de muitas coisas relativas à religião e não obstante sermos salvos, mas tendo à nossa disposição todo o acumulado conhecimento da Palavra de Deus, temos de individualmente conhecer por nós mesmos as verdades fundamentais contidas neste capítulo profundo.

Já pensamos como teria João sabido da história dessa entrevista? Não foi senão o próprio Nicodemos que "relatou a João a história daquela

entrevista, e por sua pena foi ela registada para instrução de milhões de almas." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 125.

### A Lição

Perg. 3. S. João 3:1 e 2. Era Nicodemos membro da mais alta assembleia de judeus, o Sanedrim, ou Conselho dos Setenta, cujo presidente era o Sumo Secerdote, que por sua vez era o seu septuagésimo-primeiro membro. Como fariseu, pertencia Nicodemos à principal seita dentre os judeus, no tempo de Jesus. Outros grupos do Sanedrim eram os saduceus e os herodianos, ambos os quais tinham ideias contrárias às dos fariseus. A tradição fala de Nicodemos como possuindo grande fortuna. Só uma pessoa abastada poderia ter trazido a Jesus, por ocasião da Sua morte, "cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés" (S. João 19:39).

Pergs. 4 e 5. S. João 3:3-5. "Da água e do Espírito." "Nicodemos sabia que Jesus Se referia aí ao baptismo de água, e à renovação da alma pelo Espírito de Deus." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 121.

Pergs. 8-10. O "como" do novo nascimento nunca poderemos compreender ou explicar plena e completamente. Nicodemos parece concluir ser possível, sim, mas... como se dará, como se processa a operação? Barclay, com profunda intuição, põe na boca de Jesus estas palavras a Nicodemos:

"Tenho procurado tornar-lhe bem simples estas coisas; servi-Me de ilustrações humanas, tomadas da vida diária, e não compreendeu. Como compreenderá então as coisas profundas, se mesmo as simples estão além do seu entendimento? Há aqui uma advertência para todos nós. É fácil formarmos grupos, ou ficarmos num gabinete a ler livros; fácil é discutir sobre a verdade intelectual do cristianismo. É fatalmente fácil começar no lado errado. Fatalmente fácil é também pensar no cristianismo como alguma coisa a ser discutida e não como algo a ser experimentado. Certo, é importante apreender intelectualmente a esfera da verdade cristã; mais importante, porém, é possuir uma viva e vital experiência do poder de Jesus Cristo." — *The Gospel of John*, Vol. 1, págs. 122 e 123.

"O Dr. João Hutton costumava falar de um operário que fora um bebedor e se convertera. Seus companheiros faziam tudo para levá-lo a sentir-se um tolo.

"— Na verdade, disseram-lhe, não podes crer em milagres e coisas quejandas. Tu não podes, por exemplo, acreditar que Jesus transformou água em vinho!

"— Não sei, respondeu o homem, se quando Ele Se achava na Palestina, transformou água em vinho; sei, porém, que no meu lar Ele transformou cerveja em mobília!

“Podemos não compreender como o Espírito opera; mas o efeito do Espírito na vida dos homens aí está, à vista de todos; e o único argumento irrefutável em favor do cristianismo, é uma vida cristã.” — *Idem*, pág. 122.

Pergs. 11-13. S. João 3:13. “Ninguém subiu ao Céu, senão Aquele que de lá desceu, a saber o Filho do homem.”

Pessoas há que não compreendem esta passagem, pois Elias, Moisés e Enoque subiram ao Céu, antes de Jesus. Notemos, porém, que o contexto mostra claramente que o que Jesus Cristo quis dizer é que ninguém senão Ele mesmo subiu ao Céu para obter informações acerca do plano de Deus relativamente ao homem. Jesus desceu do Céu para nos comunicar os grandes mistérios de Deus, o grande plano da salvação. Nenhum outro fez isso. Enoque, Moisés e Elias subiram ao Céu, mas não voltaram a trazer qualquer mensagem aos homens. É verdade que Moisés e Elias desceram uma vez para falar com o Senhor, por ocasião de Sua transfiguração; mas não o fizeram para trazer qualquer comunicação aos homens. Diz Clarke: “Nosso Senhor provavelmente pretendia corrigir uma falsa noção dos judeus, a saber, que Moisés ascendera ao Céu para receber a Lei.”

S. João 3:16. Através de todo o livro de João confrontamos as grandes declarações de verdade. S. João 3:16 tem sido chamado “o versículo central da Bíblia.” O Dr. G. C. McClure tirou esta conclusão: “Visto como a Bíblia é obra-prima da literatura, é esta, portanto, a maior sentença em literatura.” Lutero chamava a esse verso “a pequena Bíblia”, ou “o pequeno Evangelho.”

Quando jovem, Santo Agostinho trazia a vida interior em constante conflito e perturbação. Preferia seguir a inclinação da carne, em vez dos ditames do Espírito Santo.

Afinal, em desespero, saiu ao pequeno jardim da casa em que morava. Desabafou o coração, em contrição profunda. Enquanto chorava, ouviu uma voz dizer, repetidamente: “Toma e lê! toma e lê!” Tinha consigo um volume das epístolas de S. Paulo. Abriu-o e seus olhos caíram sobre Rom. 13:14: “Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponeis para a carne, no tocante às suas concupiscências.”

Lidas essas palavras, desvaneceram-se toda a dúvida e desespero, e invadiram o coração a paz, confiança e serenidade, tão longamente ansiadas. Agora, pela primeira vez na vida, Agostinho compreendeu o que significa ser “nascido de cima”, pelo Espírito de Deus.

### Para Meditar

1. Como se compreende que Nicodemos visitou Jesus «à noite», mas quando foi remover o corpo de Cristo da cruz fê-lo à plena luz do dia?

2. Por nós mesmos, levar-nos-ia a nossa inclinação natural a servir a Deus? Como se opera a mudança?

3. Convém notar que uma reforma exterior, ou uma “excitação emocional”, de modo algum pode substituir a mudança radical que tem de realizar-se nas afeições e disposição do coração.

4. O novo nascimento não é simples trabalho de concerto, de remendo.

### Para o Próximo Sábado

Podia o professor pedir a um membro da classe que investigue a razão dos preconceitos que havia entre judeus e samaritanos. Outro pode ser solicitado a apresentar a figura de uma mulher com um cântaro de água, semelhante ao que era usado pela samaritana. Outro, ainda, pode trazer para a classe uma figura do poço de Jacob. Peça à classe que apresente sugestões sobre pontos que tenham tirado da lição, e que podem ser usados pela classe como um grupo, ou individualmente, no dar testemunho de Jesus.

### LIÇÃO 4 — 22 DE JULHO DE 1961

#### Jesus e a Samaritana

TEXTO: S. João 4:1-30, 39-42.

VERSO ÁUREO: S. João 4:14.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições. Os que possuem o livrinho *Cântaro Abandonado*, do Dr. Miguel Rizzo, encontrarão nele pontos interessantes. É interessante consultar no dicionário bíblico os nomes dos lugares e pessoas mencionados.

#### Introdução

A viagem da Judéia para a Galiléia podia ser feita em três dias, tomando-se a estrada mais curta, atravessando a Samaria. A outra estrada, que atravessava o Jordão, tomaria o dobro do tempo. Por causa do extremo ódio que alguns judeus estritos nutriam contra os samaritanos, preferiam eles tomar a estrada mais longa, para não passar pela Samaria. Como Jesus não tinha esse preconceito, seguiu o caminho mais curto, que O levou através do vale de Siquém, na Samaria, e rumo norte, para a Galiléia.

Segundo o Atlas Bíblico de Rand McNally, pág. 391, embora não se conheça o sítio exacto de Sicar, “é mais provável que Sicar seja uma corruptela de Siquém”, localidade que foi habitada até o ano 67 A. D., quando foi destruída pelo imperador Vespasiano.

Próximo desse lugar acha-se o poço de Jacob, que é um dos lugares mais certamente identificados

na Palestina. Podemos estar certos de que esse lugar foi santificado pela presença de Jesus.

O *Dicionário da Bíblia*, de John Davis, traz interessantes dados sobre o poço. Ver na palavra "Jacob", última parte. (Os que não possuem esse dicionário, em português, não se arrependirão de adquiri-lo).

A lição desta semana tem inúmeras facetas de doutrina e verdade. Pode-se dizer que o número de tópicos e assuntos para estudo, que se tiram desta passagem, só é limitado pela nossa visão restrita e nossa pouca vontade de nos dar a estudos acurados. Anos atrás, as *Lições Dominicais Internacionais*, ao considerarem este assunto, deram-lhe títulos que sugerem as mais variadas ideias, como sejam: "Como Jesus Lidava com os Pescadores", "Jesus e a Samaritana", "A História de Duas Espécies de Água", "Jesus Transpõe Barreiras Raciais", "Uma Pecadora Encontra o Salvador."

### A Lição

Pergs. 2 e 3. "Os samaritanos eram uma mistura, provinda de casamentos mistos dos judeus que ficaram naquela terra (II Crón. 30:6 e 10; 34:9) com colonos de Babilônia e outras regiões, enviados por Salmanasar. Tinham no monte Gerizim um templo próprio... As antipatias raciais eram tanto mais fortes por serem os samaritanos meio judeus." — Robertson, *Word Pictures*, Vol. 5, pág. 61. (É interessante ver no *Dicionário Bíblico* a palavra "Samaritano").

No encontro com Jesus, observou a samaritana Alguém que não era crítico, mas sim lhe demonstrara compreensão e simpatia — e isso Ele fez contrariando todas as regras e regulamentos dos judeus antigos.

Eram os judeus extremamente exclusivistas. Os próprios apóstolos tiveram dificuldade em vencer os seus sentimentos de exclusivismo, e sair a pregar aos gentios, como se percebe da leitura de Actos e algumas das epístolas.

O Dr. Guilherme Barclay descreve a atitude geral dos judeus para com as mulheres como tendo sido tão restrita que, como rabino, Jesus era por lei dos rabis proibido mesmo de saudar uma mulher em público. Com efeito, o rabi era proibido de falar à própria esposa, filha ou irmã, em público.

"Havia mesmo fariseus que eram denominados 'fariseus feridos e sangrantes', porque cerravam os olhos quando viam na rua uma mulher, e assim davam encontrões nos muros e nas casas! Um rabi ser encontrado falando com uma mulher em público significava o fim de sua reputação. E contudo, Jesus dirigiu a palavra àquela mulher. Não era simples mulher, mas pessoa de carácter notoriamente reprovável. Nenhum homem decente, a não falar num rabi, se teria visto em sua companhia, ou com ela trocando uma palavra — e no entanto Jesus falou-lhe.

"Para os judeus era essa uma história de passar. Ali estava o Filho de Deus, fatigado e sedento. Eis o mais santo dos homens dando ouvido, atento e compreensivo, a uma triste história. Ali estava Jesus rompendo através das barreiras de nacionalidades e costumes ortodoxos dos judeus. Eis o começo da universidade do evangelho; eis Deus amando o mundo, não em teoria, mas em actos." — *The Gospel of John*, Vol. 1, págs. 142 e 143.

"Dizia o preceito rabínico: 'Ninguém fale com uma mulher na rua, não, nem com a própria esposa...' Tinham um provérbio: 'Toda a vez que um homem se demora a conversar com uma mulher, ele causa mal a si mesmo, e rejeita a lei, e no fim herda Gehinom.'" — *Idem*, pág. 155.

Pergs. 8-12. S. João 4:24. "Deus é Espírito." Não podemos definir com demasiada clareza a Deus ou Sua natureza. Não devemos tentar fazê-lo, porque isto está além dos limites humanos. Deus é um Ser pessoal, e é também Espírito. Ao passo que habita certo lugar do universo como Seu trono, está também com Seus filhos onde quer que eles se achem. Está em toda a parte e é onisciente. Dizer que Deus é Espírito e que portanto Lhe é impossível ser um ente pessoal, seria fazer Deus conformar-Se à natureza do homem. Do mesmo modo, declarar que por ser Ele literalmente uma Pessoa não pode ao mesmo tempo ser Espírito e estar presente simultaneamente em diversos lugares, seria restringir a Divindade aos estreitos limites de pensamento e concepção humanos. Isto não podemos fazer.

### Sumário de Eficazes Métodos de Ganhar Almas

"1. Jesus colocou-Se na vereda da oportunidade, onde pudesse entrar em contacto com alguém.

"2. Jesus não permitia que nenhuma barreira de credo ou raça O impedisse de agir para ganhar e salvar aquela pobre pecadora (a samaritana). O verdadeiro professor interessa-se pelos alunos onde quer que estejam, e sejam quem forem.

"3. Jesus propositadamente pediu um favor a pessoa estranha, a fim de estabelecer um contacto que Ele pudesse desenvolver. Devemos lembrar-nos de que uma das melhores maneiras de abrir uma porta para o espírito e o coração é pedir um pequeno favor.

"4. Jesus não discutiu com a mulher. Muitas vezes podemos perder uma alma, ganhando um argumento.

"5. Jesus deu-lhe oportunidade de fazer perguntas. Nós também devemos permitir, e até estimular perguntas; devemos responder bondosamente, e assim fazendo falar ao coração de quem pergunta.

"6. Jesus seguiu o interesse criado. Ficou em Sicar vários dias. Tomando tempo para ensinar a uma só pessoa, alcançou Ele uma aldeia inteira." — R. R. Breitigam, *The Teacher Sent From God*, págs. 128 e 129.

### Para Meditar

1. A Igreja Adventista é uma igreja que possui visão mundial e mundial mensagem, para todos os povos e todas as crenças. Desaprovamos, naturalmente, o exclusivismo e provincialismo dos judeus dos dias de Jesus, na sua atitude para com os gentios, assim como o anti-semitismo que existia entre os samaritanos. Como membros da igreja universal, com uma mensagem a ser proclamada ao mundo, poderemos ser anti-semitas? anti-católicos? ou anti-quem-quer-que-seja, excepto anti-Satanás?

2. Em resultado do testemunho pessoal da samaritana, iniciou-se na sua cidade um reavivamento. Que poderemos pessoalmente fazer para iniciar um reavivamento na nossa própria igreja?

### Para o Próximo Sábado

Peça à classe que decore S. João 5:24-29. Dê possivelmente algumas tarefas definidas. Alguém poderá ser solicitado a apresentar resposta positiva à pergunta: "Qual era o objectivo principal de Jesus, ao operar milagres?" Outro poderá ser solicitado a responder: "Acha que uma pessoa pode ser curada completamente pelo Senhor, e depois adoecer de novo?" Dê razões para a sua resposta.

## LIÇÃO 5 — 29 DE JULHO DE 1961

### Jesus e o Paralítico

TEXTO: S. João 5:1-29.

VERSO ÁUREO: S. João 5:24.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

### A Lição

S. João 5:3. As superstições avolumam-se e viajam céleres. Antigamente o povo acreditava em toda a sorte de espíritos e demónios. O tanque ao redor do qual «jazia uma multidão de enfermos cegos, coxos, paralíticos», tinha uma corrente subterrânea que periódicamente borbulhava e agitava as águas do tanque. Isso era interpretado como a acção de um anjo, e assim veio e ser atribuído poder curativo às águas desse tanque.

S. João 5:9-18. Tentemos imaginar a felicidade do paralítico, ao contar aos amigos e vizinhos o seu caso. Mas logo foi chamado pelos judeus ortodoxos e reprovado por levar o seu colchão (o *Desejado* diz que se tratava de uma esteira e cobertor) no sábado. Foi acrimosamente acusado de violar a lei, erguendo e levando um fardo no dia de sábado.

A Lei de Deus, e particularmente o sábado, foram destinados a serem para o homem um deleite.

Os chefes judeus, porém, haviam tornado o dia um pesado fardo. A lei do sábado torna claro que esse deve ser um dia diferente dos demais. É dia de descanso para o homem, os servos e os animais, durante as suas horas nos devemos abster de todo o trabalho secular.

No seu empenho de definir o trabalho, os escribas judeus o dividiram em trinta e nove classes. A classe que interessa à presente lição, é a que se refere ao transportar volumes. Duas passagens da Escritura (Jer. 17:19-27 e Neem. 13:15-19) constituíam a base para as suas deduções. Em resultado dos seus raciocínios errados, concluíam que a pessoa que, no sábado, levasse mesmo uma agulha na sua roupa, era culpada de levar carga e, portanto, pecava. Não devia levar nem mesmo um lenço. Era ainda objecto de discussão entre eles, se um aleijado podia ou não andar com a sua perna de pau no sábado.

### Para Meditar

1. Devemos, das palavras de Jesus no v. 14, inferir que a doença seja um castigo divino por causa de pecados da parte do doente, ou que a doença seja resultado de algum pecado pessoal? Dê uma prova para sua resposta.

2. Que passos deve o pecador dar para obter a cura espiritual? "O Salvador inclina-Se sobre a aquisição do Seu sangue, dizendo com inexprimível ternura e piedade: 'Queres ficar são?' Pede-vos que vos levanteis com saúde e paz. Não espereis sentir que estais são. Crede-Lhe na palavra e será cumprida. Ponde a vontade ao lado de Jesus. Desejai servi-l'O e, agindo sobre a Sua palavra, recebereis força. Seja qual for a má prática, a dominante paixão que, devido à longa condescendência acorrenta alma e corpo, Jesus é capaz de libertar, e anseia fazê-lo. Comunica vida à alma morta em ofensas. Porá em liberdade o cativo preso pela fraqueza, o infortúnio e as cadeias do pecado." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 144.

3. Sempre que alguém tenha feito alguma coisa muito louvável, mas não de acordo com métodos aprovados, há necessidade de estarmos de guarda para não criticarmos quem tal fez, em vez de nos alegrarmos com o bem realizado.

### Para o Próximo Sábado

Talvez convenha sugerir o professor que a classe decore S. João 6:47-51, e no seu estudo ler os relatos paralelos da alimentação dos cinco mil, em S. Mat. 14:13-21; S. Mar. 6:30-44; S. Luc. 9:10-17.

Na alimentação dos cinco mil notar os actos específicos de Jesus. Que pediu Ele que os outros fizessem? Que é que Jesus tem de fazer em nós e por nós? e quais são as coisas que Ele não fará a menos que primeiro façamos nós o que pudermos?